

# O MOSAICO

O *Mosaico* publica-se aos Domingos, na—TYPOGRAPHIA PAULA-BRITO—praça da Constituição n. 64. A sua redacção accita quaesquer artigos em estylo decente, e no gosto do periodico. Assigna-se a 2\$000 por trimestre na Côrte e Nietheroy, e 2\$500 nas Provincias. Numeros avulsos 240rs.

## O MOSAICO.

### FIAT LUX.

Os antigos tinham costumes muito interessantes e dignos d'eternas luminarias. Por cada coisa que faziam: por cada passo que davam; ali vinha um chuveiro de satisfações ao respeitavel publico.

Não se escrevia um livro sem um prologo estiradissimo, uma advertencia, um prefacio ou coisa que o valha: não se publicava um periodico sem um prospecto, prometendo mundos e fundos, que quasi nunca se realisavam; não subia um ministerio ao poder sem patentear ao paiz, de modo muito explicito e terminante, o programma que pretendia seguir na gerencia dos negocios do estado.

Ora tudo isto é sem duvida nenhuma uma reverendissima massada. O publico não tem que se intrometter na vida privada de ninguem; occupe-se da sua, que não faz tão pouco.

Felizmente vai passando a moda; hade acabar finalmente de todo, como tem acabado muitas outras cousas, que aliás promettiam muito maior duração. Quem é que se lembra mais da constituição? Que fim levaram os partidos saquarema e luzia?

Nós porém somos particularmente achacados da carrançaria: não nos arredamos assim com facilidade do uso antigo de nossos avós. E' um defeito, que temos querido corrigir: mas até agora não temos conseguido esse desideratum.

Convém, entretanto, confessar, que é pena que assim aconteça; porque, áparte a modestia, temos particular tendencia para o progresso, e desejavamos que este paiz não estivesse á tantos respeitos, como está, na retaguarda da civilisação

Dirigindo, pois, a palavra neste nosso primeiro artigo, aos amaveis leitores, é nossa intenção informal-os dos fins com que tomamos sobre nossos fracos hombros a tarefa da redacção desta gazeta.

Vamos, pois, fazer um programma, é verdade, mas o que querem? Tenham paciencia, já agora deixem-nos fallar, que estamos com a palavra

O *Mosaico* é um periodico politico: sabem porque? Porque tem de se occupar de objectos que interessam ao bem do paiz: não tratará, porém, das questões pessoases e pequeninas, á que hoje quasi que está reduzida a nossa politica: a qual, aqui para nós, que ninguem nos ouça, limita-se á meras e insignificantes intrigas, filhas de interesses ridiculos e de am-



bições desregradas, sempre fataes ao bem estar publico.

A imprensa é a tribuna universal. Quem não póde arranjar uma cadeira no parlamento, desabafa-se aqui. Para isso não precisa de circulo nem de triangulo, qualquer quadrado lhe serve: não tem necessidade de votos, nem lhe servem de nada os eleitores e as caballas: não depende, portanto, da vontade do governo, que em ultima analyse é quem arranja esses negocios: basta que haja quem o queira aturar.

Vamos pois entrar no numero dos órgãos da opinião publica. Ora a fallar a verdade é uma honra esta que excede sem duvida nenhuma a nossos fracos merecimentos. Jeronymo Paturot, que procurava uma posição social, não sabemos como se esqueceu do jornalismo.

Entretanto, como felizmente ainda não estamos minados do indifferntismo, que neste paiz mirra e acaba as mais bellas aspirações, não nos esmorece a importancia da empreza: oxalá que o *Mosaico* em boa hora appareça: e que empenhando os mais ardentes exforços, possa prestar ao paiz os serviços importantes. á que tem elle incontestavel direito, e merecer a sympathia e aceitação publica, que tão necessarias lhe são, para que possa existir e perdurar.

#### **Morosidade administrativa.**

Em alguns paizes da Europa, as mollas d'administração publica, andam sempre tão rapidas, que se póde dizer figuradamente, que nada ficam devendo ás das locomotivas dos caminhos de ferro.

Alli, qualquer negocio, que é sub-

mettido á decisão governamental, tem um despacho, ás vezes, tão rapido, que espanta e admira ao proprio pretendente.

No Brazil acontece a mesma cousa, porém, no sentido inverso. Aquelles que tem tido negocios perante os diversos ministros d'estado, sabem praticamente se fallamos com razão, ou sem ella.

A publicação do expediente do governo, feita no *Diario Official* desta cõrte, appresenta immensas provas desta verdade, que além disso está na consciencia de toda a população do imperio e talvez mesmo d'aquelles que tem estado á frente dos publicos negocios. Um antigo empregado publico, que conhecemos e que trazia uma reclamação perante o Thesouro, por ordenados, que haviam cahido em exercicio findo, dizia-nos sempre, quẽ as obras da antiga Sé andavam mais rapidamente do que as decisões do governo.

Entretanto, porém, se nas associações organisadas para a gestão de negocios particulares, muitas vezes de ordem secundaria, não ha quem queira tolerar a morosidade de agentes e prepostos menos deligentes na satisfação de seus deveres, como será isso admissivel da parte do governo, que tem quasi sempre de decidir questões relativas á grandes interesses publicos e particulares?

Uma das mais importantes necessidades d'um paiz, é que o governo se apresse sempre em dar a devida solução aos diversos negocios, que lhe são affectos; versem elles sobre interesses publicos ou particulares; devendo, em todo o caso, ser suas decisões as mais sabias, justas e convenientes.



As relações entre a administração publica e os diversos membros da sociedade, devem ser sempre faceis, simples e benignas.

Entretanto, por bem da imparcialidade e desinteresse, que devemos guardar sempre em nossos escriptos e que hão de fazer, mercê de Deus, a feição característica desta nossa publicação, cumpre confessar que não é este defeito peculiar do ministerio actual e seus delegados. Nascido em remotas eras, elle tem acompanhado, é verdade, todos os governos, e parece a sombra eterna e inseparavel da administração publica de nosso paiz.

Em uma época em que o mundo caminha rapido, como diz Eugenio Pelletan, embarcando-se nos caminhos de ferro e nos navios de vapor, e transmittindo instantaneamente á longas distancias avisos e noticias importantissimas pelo telegrapho electrico, quem é que pôde aturar a morosidade de nossas repartições publicas?

E', pois, uma necessidade palpitante, que alguma cousa se faça a respeito de semelhante assumpto. O governo dos velhos, que tome á si esta tarefa; e podemos assegurar que hade merecer as bençãos deste bom povo.

Em vez de governo ligueiro, convinha tanto que o governo fosse ligeiro, que estamos convencidos de que aquelle que apresentasse como programma a decisão rapida de todos os negocios commettidos á seu exame, havia receber *amens* dos mais reconditos sertões do imperio.

### Questão ingleza.

Um visinho nosso, homem muito curioso e calculista, está presen-

temente estudando a questão ingleza debaixo d'um ponto de vista muito celebre, e que hade tornar notavel e saliente o seu talento original.

Parece incrível a pachorra do homem; mas podemos asseverar, que é real e verdadeira.

Entre outros trabalhos, muito minuciosos e capazes de fazer perder a paciencia a um santo, calcula elle quantos volumes, em quarto, de 200 paginas, darão os artigos, communicados, correspondencia publica e particular, e pamphletos, que nesta côrte se têm publicado sobre essa celebre questão, desde o seu começo; quantas vezes nestes escriptos se falla no marquez de Abrantes, no conde Russel, no immortal ministro inglez Christie, no almirante Warren e no consul Vereker; no navio mercante *Prince of Walles* e na fragata *Forte*; no imperio do Brasil, no reino da Inglaterra, nas costas do Albardão, na sentinella da Tijuca, e finalmente no direito das gentes, que ambas as partes invocam em seu favor, como se fosse um nariz de cêra, que pudesse tomar a feição, que a cada um mais conviesse e agradasse.

Depois de ultimado e prompto havemos de dar á luz em nossas columnas a tão singular trabalho; pois que o autor é nosso amigo e não faz questão da propriedade de sua obra.

Entretanto desde já vamos apresentar algumas observações, que sobre a materia em si nos tem feito este homem minucioso, cujo talento cada vez nos parece mais digno de admiração.

O governo inglez, diz elle, nunca teve em mente declarar-nos guerra á proposito das reclamações, que por



intermedio do ministro Christie, nos mandou apresentar. O simples bom senso demonstra de maneira terminante e positiva esta verdade.

Ainda mesmo que lhe pudesse assistir direito para exigir do nosso governo o pagamento reclamado pelo naufragio do *Prince of Walles*, é claro que, sendo a quantia pedida um atomo em relação aos immensos interesses que a Inglaterra tem no Brasil, não lhe conviria de modo nenhum recorrer á um extremo para a solução da questão; porque nesse caso, ainda mesmo que o resultado lhe fosse favoravel, os prejuizos não seriam sómente de 6.000 libras, em que importava a reclamação que nos fizeram: porém de todos os seus interesses neste imperio.

Ora, á vista disto, é claro que John Bull foi neste negocio, como sempre, estrategico e calculista; e que, pois, fazendo-nos uma careta tão feia, não tinha outro fim senão amedrontar-nos e nos obrigar assim áquiescer á sua reclamação.

Felizmente valeu a elles e a nós tambem, que este povo *meio civilizado*, como elles nos chamam, tem tanta consciencia de seus deveres e de sua dignidade, que, apesar de insultado, e offendido em seus brios e melindre, soube sempre respeitar a pessoa e propriedade dos subditos inglezes aqui residentes, que nenhuma culpa tiveram do procedimento inqualificavel, de que fizeram praça e alarde os dignos executores das celeberrimas instrucções do conde Russel.

Em outro qualquer paiz talvez as cousas não se passassem como aqui, e pela culpa do ministro soffressem os innocentes, que, longe de terem

parte na questão, pelo contrario, estigmatizaram sempre semelhante procedimento.

Lord Russel sabe perfeitamente onde aperta a fivella; e apesar de nos chamar povo *meio civilizado*, elle reconhece pelo contrario, que temos tanta civilisação, que ainda nos mais justos arrebatamentos de nossa indignação sabemos respeitar e distinguir o innocente do verdadeiro culpado, e não polluiriamos jamais o nome brilhante, que o imperio tão justamente tem sabido adquirir; por factos que nos pudessem deslustrar e comprometter.

### Divertimento.

No dia 31 de Dezembro do anno da graça de 1863, em que presentemente nos achamos, vence-se em Londres a ultima prestação do emprestimo brasileiro de 1843, na importancia de 362.000 libras, o que equivale em nossa moeda, e ao cambio par de 27, á somma de 3.218:180\$ réis.

No mez de Abril do anno vindouro de 1864 vence-se igualmente o emprestimo brasileiro de 1824; na importancia de 2.356.600 libras, que equivale, pelo mesmo calculo, a 20.950:174\$.

Tem, pois, o imperio dentro de 12 mezes de arranjar a elevada somma de 21.168:354\$, para satisfazer ao amigo John Bull esse importantissimo pagamento. Verdade é que estamos acreditados na praça, e que os titulos de nossa divida merecem entre os capitalistas inglezes uma cotação que muito nos honra: entretanto John Bull é homem de venetas: ninguém sabe quando o tem pelos



pés ou pela cabeça; e portanto cuidado.

O Snr. marquez d'Abrantes é quem se hade ver em bons lenços; felizmente, apesar de velho, S. Ex. não tem nada de fraco nem moleirão.

Ora, á fallar a verdade, toda essa divida externa, á que o Brasil está obrigado, podia ter soffrido já um grande corte; os nossos ministros, porém, não cuidam muito seriamente dos interesses da nação, e clamam ao depois que o paiz está ingovernavel, que não ha patriotismo, que não ha interesse pelo serviço publico e finalmente tudo mais quanto lhes parece.

Ora, tudo isto é infelizmente exacto: mas a culpa de quem é? Quem é que tem desmoralisado este bom povo brasileiro senão os proprios homens incumbidos de dirigir a náção do estado?

Pela parte que nos toca, podem dizer o que quizerem: não acreditamos em palavrões campanudos, nem em discursos de legua e meia: é prégar no deserto. Muita razão achamos nós no poeta quando disse:

São desgraças do Brasil  
Um patriotismo fôfo,  
Leis em parollas, preguiça,  
Ferrugem, formiga e môfo.

### Noticias da Europa.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

Europa, 30 de março.

Principio pelo principio; creio que não levará a mal: *in principio erat acta, et acta erat apud secretarium.* O commercio é sempreo mais poderoso sustentaculo das gazetas; e

portanto devem ser igualmente as gazetas inseparavel appoio do commercio. A theoria do *dó ut des*, que é o principio cardeal dos nossos homens politicos, nunca teve mais ajustada nem conveniente applicação: *amor amore recompensatur.* E, pois, ali vão em primeiro lugar as noticias commerciaes.

Participo-lhe, que o café continúa á subir: ora, meu amigo, é mesmo uma cousa admiravel esta subida do café! Se não parar na carreira que leva, breve chega ao céu: já está mais alto do que o Pão d'Assúcar.

E veja V. quem havia de pensar em similhante cousa? Bem haja o conde do Lavradio.

Se eu estivesse ali em occasião de chegar uma noticia desta, no outro dia, tivessem paciencia, mandava dizer uma missa por alma do conde do Lavradio.

Ah, meu amigo! E como não hade ser assim! Corra V. toda a cidade de Paris de alto a baixo e de fio a pavio; examine minuciosamente as immensas ruas e praças dessa moderna Babilonia; passeie nos seus lindos boulevards, que fazem o encanto dos estrangeiros; e V. verá por toda a parte café, café, sempre café. *Donnez-moi du café*, grita um: *donnez-moi du café pour mon ami*, exclama outro: *café pour madame*: *café pour mademoiselle*: *café pour mon fils*: *café pour mon cousin*: e finalmente café para todo o mundo.

Em Londres acontece a mesma cousa: se não ha mylord nem mylady que dispense o incomparavel café; tão bem o povo vai por tal maneira se habituando á esta deliciosa bebida, que, á continuar a cousa no caminho em que vai, pa-



rece que breve a cerveja mette-se nas encolhas.

O que acontece em Paris e Londres é sem discrepância abraçado e seguido neste ponto pelo resto da Europa. Todos aqui gostam do café; e estão de tão perfeito accordo a semelhante respeito, que a opinião do Papa, de Victor Manoel e de Garibaldi não discrepa n'um seítill, a do czar e do dictador da Polonia igualmente se confundem e identificam. Bem haja o café! Ainda hei de fazer um estudo serio e aprofundado desta planta, e do resultado lhe communicarei.

A' respeito dos outros generos de producção desse bello imperio, os preços não têm sido tão seguros.

A'cerca d'alguns delles, como por exemplo o assucar, não acho razão; porque o café não se toma sem elle; e pois, se o café sobe, como é que o assucar desce? Só se querem que estes generos, sendo a aristocracia dos productos da lavoura, imitem os partidos politicos dos governos constitucionaes, que não podendo passar um sem outro, é sempre a subida do primeiro a irreparavel derrota do segundo, e vice-versa.

As noticias dos demais generos, não são lá de grande monta. Os couros salgados do Maranhão estão procurados, mas os seccos, ninguem os quer; eu pelo menos, ainda que me dessem de presenté, não só não os aceitaria, como tomava por desaforo: o que iria fazer com um couro secco?

O algodão é que está tambem dando as cartas. Bem certo é o ditado—*cada um tem seu sabbado d'alleluia*. Esta lavoura, que tantos lucros já deu á esse império, estava quasi de

todo abandonada, tendo sido substituida por outras culturas menos productivas e faceis do que ella; e porque? Porque o governo do Brasil tem tratado sempre de resto os mais vitaes interesses do imperio, e nunca julgou conveniente aproveitar os fertilissimos terrenos que para essa cultura possue; estabelecendo estradas, que ainda mesmo sendo de ferro e despendiosas, valem bem todo o ouro que nellas se possa empregar.

Agora, pois, é aproveitar: convém muito fazel-o e com brevidade: *occasio praeceps*. Emquanto o irmão Jonathas questiona por causa de roupa suja, não fiquemos nós de bôca aberta a coçar a cabeça, nada: *en avant*.

*Allons, enfant do sertão,  
Cavar a terra e plantar algodão.*

A questão anglo-brasileira está em completa pasmaceira: tambem John Bull já recebeu as nossas bellas lours; e pois, agora deixal-o fazer a digestão: o homem de barriga cheia não quer questionar.

Espera-se agora que o rei dos Belgas decida a questão da Forte, que lhe foi affecta, para se tratar desta materia na camara dos lords.

Parece-nos que seria mais conveniente para uns e outros, que não se tratasse mais de semelhantes materias. O passado está passado; e como a experiencia propria é a unica que ensina, o Brasil, que trate de forticar-se, como deve, e os seus ministros que não prolonguem eternamente as questões, como fazem; augmentando, assim, a indisposição com que algumas nações nos encaram.

Casou-se o principe de Gales, no dia 10, e houveram festas taes, por este casorio, que morreram suffo-



cãdas na rua oito pessoas. Não assistí a esta importante cerimonia, por causa d'um callo no dedo do pé, que me doeu toda noite da vespera; de modo que não pude pregar olhos: entretanto talvez fosse uma fortuna; porque podia morrer também asphyxiado.

A ordem do dia hoje, na Europa, é a questão Polaca: está tudo embebido na Polonia. Creio, porém, que nada se fará em favor d'aquelle misero povo, tão digno de melhor sorte.

Com o temperamento, que tenho, não posso vér impassivel o procedimento, que a França, Inglaterra, e as demais nações importantes, desta parte do mundo civilizado, tem seguido neste negocio. Pois a Russia hade continuar, neste seculo de luzes, a massacrar tranquillamente aquella nação infeliz? Dóe-me isto dentro d'alma; e como eu só não posso mover o mundo, procuro esquecer este negocio, cantarolando comigo entre dentes o eterno estribilho de meu avô.

*Pouca paciencia tem,  
Quem com os males alheios não pôde.*

Participo-lhe, que Farini acaba de largar o ministerio: Victor Manoel não gostou nada disso, a razão é clara: Farini estava muito *infarinhado* naquelles negocios do governo, e dizem, que se não sahe tão cêdo, dava conta da tarefa.

Entretanto, meu caro amigo e Snr., o que quer? Farini é homem como os outros, e, comquanto fôsse ministro e medico, adoecêo e precisou de se tratar.

Ahi, no Brasil, os ministros são mais agarrados às pastas, segundo

me parece: e a prova ahi está no Visconde de Maranguape, que, apesar d'aquelle grande ataque de congestão, que soffreu na camara dos deputados, só agora, e a muito custo, segundo dizem, se resolveu a largar o ministerio da Justiça. Não censuro a elle por isso; antes me parece, que é uma grande prova de patriotismo, carregar com a patria às costas, um pobre homem, velho e doente.

Cá pelo que me toca, não fazia outro tanto. Se me convidassem para ser ministro, não regeitava, porque não queria que dicessem, que estava me fazendo bemfeito de corpo: mas, se me apparecesse um ataque d'aquelles, (de que Deus nos livre e guarde) em dia d'apresentação de programma, arremessava com pasta, ministerio e fardão, no inferno, e no outro dia, ia para a Tijuca tomar fresco na cabeça; porque, meu amigo, prézo muito esta pobre individualidade, e nunca m'esqueço da recommendação, que me fazia, quando eu era menino, o vigario da minha freguezia, que era um padre tumbeiro de letras gordas. *Quem muito lê, dizia elle, trelê. Antes um burro vivo, do que um doutor morto.*

Os Gregos é que não acharam ainda um rei que os queira governar. Não parece isto uma historia? Pois é a pura verdade. Se V. entender, que lhe pôde servir este emprego, escreva-me em tempo: estou convencido que elles aceitam de braços abertos. Eu não me proponho, porque não me dou bem n'aquelle clima: é chegar á Grecia, estou logo encatharroadado.

De Portugal não ha noticias d'alcançe, com que possa entreter a curiosidade de seus leitores.



Reina a doce paz na santa igreja,  
O bispo e o deão ambos accordes,  
Em dar e receber o bento hyssope,  
A vida em santo ocio vão gastando.

As obras dos caminhos de ferro  
progridem: vão se abrindo ao transito  
publico diversas secções, que se  
vão ultimando, e novas empresas vão  
já apparecendo para identico assumpto,

Daqui á poucos annos o reino es-  
tará cortado por uma rêde de ca-  
minhos de ferro em todas as direcções,  
e a consequencia deste facto hade ser  
forçosamente a prosperidade do paiz.

A Rainha D. Maria Pia teve neste  
mez um dia de bastante prazer e  
satisfação: foi o dia 14, em que fez  
annos seu Augusto Pai o Rey Victor  
Manoel.

Por esta occasião solemne houve  
no paço um esplendido jantar, á que  
concorreram personagens de elevada  
cathegoria. Só eu não pude com-  
parecer, por doente; senti este con-  
tratempo em extremo, porque pre-  
tendia fazer um brinde, que seria  
precedido d'estiradissimo discurso,  
que já estava decorado.

Havia de principiar pelo objecto  
augusto da reunião, e sobre esse pon-  
to tinha que dizer perolas. Dahi pas-  
sava á tratar da Polonia, do minis-  
terio e da opposição, e finalmente  
havia de acabar pelo ministro por-  
tuguez nessa côrte, contra quem já  
vejo reclamações.

E' pena, meu amigo, que tanto  
trabalho ficasse perdido, e que eu  
não pudesse aproveitar esta occasião  
para adquirir eterna fama e con-  
ceito.

Ensaia-se agora neste reino a in-  
troducção da carne sêcca de Monte-  
vidéo. Já veio um barril, que infe-

lizmente não aproveitou; porque o  
genero chegou deteriorado. Breve,  
pois, teremos tambem por cá bellas  
feijoadas com carne sêcca; e então  
já se sabe, que me regalo; porque  
seu partidista da minha barriga.

O fallar na carne sêcca,  
Cosida com feijoadada,  
Faz-me chegar agua á boca  
E coceira na queixada.

E por hoje basta: ahi está o *Ex-  
tremadura*, que mandei demorar um  
dia em Bordéos por causa desta car-  
ta: o papel tambem já se acabou: e  
portanto faço ponto.

### Não vês?

A. M...

Não tardes, minha vida! no crepusculo  
Ave da noite me acompanha a lyra...

ALVARES DE AZEVEDO.

Não vês meu rosto pallido, tristonho,  
Os olhos derramando amargo pranto?  
Não vês o meu aspecto tão medonho  
Caminhar já vergado e soffrer tanto?

Tu não vês destas faces já mirradas  
Os sulcos salientes da paixão?  
Não vês que minhas mãos já descarnadas  
Igualam com meu pobre coração?

Não vês? Não vês de certo o amargo fel  
Que sinto no meu peito trasbordar?..  
Não vês, mulher, não vês, porque és cruel,  
E sentes regosijo em me matar!

Oh! não sejas assim! dá-me uma esperanza.  
Uma esperanza que faça-me viver:  
Se recusas ao naufrago a bonança,  
O que resta depois? E' só morrer!

Sim, morrer! que este amor que me devora  
E' ardente, como a chamma do volcão!  
Piedade, mulher! p'ra quem te adora  
N'um arranco fatal do coração!

Dá-me o teu amor! verás á vida  
Voltar-me de prazer enebriante;  
Serás do meu sonhar a virgem qu'rida,  
A virgem qu'eu adoro delirante!..

Dezembro de 1861.

José Maria de Almeida.